

## Consumo consciente

*“Quando compramos algo, não compramos com dinheiro, compramos com o tempo de vida que gastamos para ganhar esse dinheiro. E vida não se compra, se gasta!” (José Mujica)*

Nos últimos tempos, a humanidade passou a pautar a felicidade no ato de consumir e na posse de bens. Nessa nova configuração social, a satisfação de necessidades básicas deu lugar a necessidade de satisfazer desejos cada vez mais intensos e frequentes. De forma breve, o filósofo polonês Zygmund Bauman, resumiu o ciclo de consumo afirmando que “novas necessidades exigem novas mercadorias, que por sua vez exigem novas necessidades e desejos” [BAUMAN, Z. Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro, Zahar, 2008.]. Neste ciclo constante de substituição de produtos e na busca pela satisfação imediata dos desejos, o objeto “em si” deixa de ter importância, assim como os objetos novos tornam-se rapidamente obsoletos.

A medida que o novo torna-se rapidamente velho, o objeto adquirido deixa de ser interessante assim que chega na mão do seu proprietário. Para ser condizente com essa necessidade de novidade, os objetos deixaram de ser duráveis. Ao contrário dos bens que costumemente eram passados de geração para geração, em tempos de modernidade, vivemos o “tempo dos objetos”. Normalmente vemos os produtos nascerem e morrerem, em um movimento de “obsolescência calculada”, promovida pelos meios publicitários e pela mídia. A baixa durabilidade dos objetos fazem parte de uma estratégia fundamental para a sobrevivência do consumismo, que impede que as pessoas tenham compromisso com aquilo que possuem, descartando assim que surgem outros objetos para ocupar o seu lugar. Esse movimento é essencial para a manutenção de uma cultura baseada no possuir coisas, onde “a economia consumista se alimenta do movimento das mercadorias e é considerada em alta quando o dinheiro mais muda de mãos; e sempre que isso acontece, alguns produtos de consumo estão viajando para o depósito de lixo” [BAUMAN, Z. Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro, Zahar, 2008.]

O sistema consumista nos conduz a uma vida de gastos e aquisições de bens e serviços, que muitas vezes vão além das necessidades reais de nosso dia a dia. Desta forma, a educação financeira tornou-se decisiva para organizarmos a gestão de nossos recursos, com a finalidade de fazer com que o dinheiro que ganhamos seja empregado com inteligência, buscando utilizá-lo de forma consciente, proporcionando bem-estar financeiro e melhor qualidade de vida. Quando falamos em finanças pessoais, ou, educação financeira, estamos nos remetendo ao acúmulo ou gasto planejado do dinheiro que ganhamos com a venda de nossa força de trabalho, buscando empregar os recursos obtidos com sabedoria, suprimindo as necessidades sem gerar sofrimento ou preocupações passíveis de serem evitadas.

A educação financeira não significa guardar o dinheiro e não gastar, mas sim, possuir conhecimento sobre como aplicar melhor o dinheiro, para que possa ter uma vida de qualidade. Não adianta ter uma boa renda, se não conseguir empregar o dinheiro de forma racional. Nesta lógica, o dinheiro, ou, até mesmo a falta dele, não é o problema, mas sim, não saber gerenciá-lo para que proporcione uma boa vida.

Assim, é importante encarar o dinheiro não como um prolema, ou como o centro de nossa vida, ou até mesmo como símbolo da felicidade, mas sim, como uma ferramenta que pode nos proporcionar conforto e tranquilidade durante a vida. Desta forma, é importante que tenhamos consciência de que a máxima popular que diz “faça o dinheiro trabalhar para você e não você trabalhar para o dinheiro” resume uma importante lição para quem busca organizar-se financeiramente. Uma boa gestão das receitas e um controle consciente da forma como

consumimos, evita desgaste emocional e físico provindo da preocupação com dívidas e juros, ou até mesmo, com o ressentimento por não realizar algum desejo imediato.

Quanto menor nosso conhecimento de finanças pessoais, maior a chance de gastarmos uma parcela significativa de vida para obtermos dinheiro e trocarmos por objetos e serviços desnecessários. Quanto mais nos dedicarmos a observar onde está sendo empregado nossos recursos, menor a chance de precisarmos obter grandes quantidades de dinheiro. Conseqüentemente, maior o tempo que nos resta para dedicarmos a atividades que nos proporcionem bem-estar e satisfação duradoura.

A Cresol Central SC/RS preocupa-se não só com a democratização do crédito, mas também, com a finalidade deste crédito, buscando orientar seus associados, para que os recursos obtidos junto a cooperativa sejam promotores de qualidade de vida. Para isso, não basta possuir linhas de crédito acessíveis e facilitadas, mas também, desenvolver conscientização e conhecimento sobre finanças. Pra tal, utilizando sua plataforma virtual “Saberes”, a Cresol Central SC/RS, disponibiliza um curso de educação financeira com foco na conscientização, para uma vida financeira racional e que proporcione aos associados felicidade e bem-estar. Desta forma, a obtenção de crédito permite as famílias que integram a cooperativa, desenvolverem-se de forma coletiva e consciente, fazendo com que o fruto de seu trabalho seja promotor de estabilidade econômica e de felicidade duradoura.

*Texto produzido pela equipe da Área de Desenvolvimento e Educação - Formação*